

Exmos. Senhores Membros da Mesa da Assembleia da UASP – Caros colegas, amigos e suas famílias

Convidado para falar sobre o tema – Educação no âmbito do II Concílio do Vaticano – tendo como base a Declaração *Gravissimum Educationis*, acedi de boa vontade ao convite, por me interessar por assuntos que digam respeito à formação do Homem em geral e, por isso, também à sua formação no plano moral e religioso.

Tenho pouco tempo para dissertar sobre esta matéria, cujo tema considero de suma importância. Farei o possível por transmitir o meu pensamento através das palavras que escrevi e que vos irei ler.

- Como introdução, começarei por fazer um enquadramento breve sobre o Direito Universal à Educação.**
- Falarei sobre antecedentes que levaram à proposição deste assunto e a oportunidade da daquela Declaração.**
- Procederei à exposição do meu pensamento, como leigo, acerca das mudanças já operadas nos membros da Igreja e sua influência na sociedade.**

Introdução

Educação é um vocábulo que designa a acção de educar e o resultado dessa acção. Deriva do latim *Educare*, que significa alimentar, criar. Passou, depois, a significar Educar, no sentido actual, segundo a Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura.

O acto educativo tem uma finalidade – promover no educando sucessivas modificações que conduzam a uma maturidade pessoal equilibrada, que o preparem para a vida em sociedade e que o disponham a alcançar o seu fim último. Tem, assim, como fim a formação integral e harmónica do Homem.

A Declaração *Gravissimum Educationis* trata, na generalidade, de 4 pontos fundamentais:

- Objectivos da Educação;
- Agentes da Educação (pais, Estado, Igreja e papeis de cada uma destas entidades);
- Sujeito da Educação, isto é, actuação do educador sobre um ser inteligente e livre;
- Aspectos e Métodos da Educação, que visam o desenvolvimento integral do Homem.

A Igreja tem tido uma preocupação incessante com a dignificação do Homem e o seu direito à Educação. A sua doutrina procura a restauração e aperfeiçoamento da Ordem Social, em conformidade com o Evangelho, manifestando grande interesse pela cultura intelectual e moral dos Homens.

A importância das escolas, obrigações e direitos dos pais, a grande solicitude pelos alunos das escolas não católicas, liberdade religiosa, os deveres da Igreja e a parte que lhe compete no progresso e ampliação da Educação são a resposta adequada e oportuna às necessidades da sociedade.

Antecedentes e Oportunidade da *Gravissimum Educationis*

Ao longo da minha vida profissional tenho tido ocasião de ouvir muitas pessoas, algumas delas provenientes de Instituições Religiosas e que, mercê da sua formação, desde a sua infância até à idade adulta, algumas delas transportam consigo pesadelos e traumatismos que procuram esconder de si e dos outros, mas que permanecem vivos e inquietantes e que, por vezes, são desestruturantes da sua personalidade, da sua vida, da vida familiar, da vida em sociedade e da sua vida religiosa.

Há pouco tempo um senhor com cerca de 60 anos, professor numa escolar pública do ensino secundário pediu-me para falar comigo em privado, por saber que a minha formação, para além da inerente à profissional, havia passado por um Seminário.

Em termos gerais, não quero maçar com considerações pouco oportunas para este momento de encontro de amigos, que sentem em comum o quão lhes foi útil a frequência do Seminário, mas não resisto à descrição genérica dos tormentos sofridos em silêncio por este indivíduo.

Dizia-me, por palavras simples, mas com sofrimento visível que, desde os bancos do Seminário, a partir dos 16 anos de idade, sonha com muita frequência que se encontra em pecado mortal e que, apesar de se ter confessado várias vezes, esse tormento o apoquentava continuamente, não só em sonhos, mas também acordado, quando se recorda do seu passado de infância.

É que, frequentemente, comungava em pecado mortal, contra a sua consciência que o acusava permanentemente, mas que se via na necessidade de proceder daquela maneira, porque todos os seus

amigos o poderiam criticar e os seus superiores se interrogariam, se vissem que não comungava.

A pureza, a castidade que lhe era imposta, a sua educação religiosa não lhe permitia, nem em pensamento, quanto mais por actos voluntários, ter um procedimento incorrecto e, por mais que não quisesse pecar, acabava por não o conseguir.

O pecado da carne era mais forte que o seu querer e, assim, ainda hoje vive com o seu pensamento acusatório, estando preso a um passado traumatizante, impuro, não sendo capaz de se tranquilizar.

Os sonhos que o transportam para o seu passado continuam e persistem, sentindo-se constrangido, frustrado e castigado, vivendo, na terra, o inferno de que tem medo.

Não pretendo vir aqui falar de possíveis psicoterapias que possam reformular e reconstruir saudavelmente a personalidade deste homem, deste caso.

Este é um exemplo vivo de como era a educação no ante Concílio Vaticano II.

As escolas públicas eram escassas. Quem estudava, sobretudo no ensino superior, era privilegiado. A maioria das famílias não tinha as menores condições e possibilidades económicas que lhe permitissem que os filhos pudessem estudar. Daí que os Seminários se enchessem de candidatos ao sacerdócio.

O ensino apelava às memórias, os métodos de ensino eram os clássicos em que os professores eram detentores de um estatuto de grande valorização, que nunca poderia ser posto em causa e as crianças eram permanentemente corrigidas com castigos corporais e psicológicos que, vistos à distancia, eram/são inconcebíveis.

Os colégios recebiam meninos, ou meninas, não havia classes mistas.

A educação era espartana e só para alguns, despertando frequentemente frustrações e como consequência a desistência de muitos alunos.

O papel dos pais era de menoridade.

Dentro dos Seminários seguiam-se, também métodos de ensino muito semelhantes, mas mais perspectivados para a aquisição de uma cultura humanística, religiosa e moral irrepreensível.

Ainda como – Antecedentes da *Gravissimum Educationis* – podemos falar dos grandes movimentos políticos e sociais e a preocupação constante da Igreja por enquadrar os seus fieis numa linha de coerência com o Evangelho, em que a dimensão do espiritual se tornava importante, face ao materialismo existente.

A partir de meados do séc. XIX, começou a olhar-se o Homem, na sociedade civil, não só como instrumento de criação de riqueza, a qual era distribuída por uma minoria – Os donos das propriedades, das terras, depois das fábricas – mas também como o construtor possível de uma vida nova, mais digna. As máquinas substituíam muitos operários, os quais até aí trabalhavam sem horários, como poucos direitos, muitas vezes com um pobre e parco salário.

O Manifesto do Partido Comunista, que traduzia singularmente o anseio dos Proletários (os que não têm, os que não possuem) era aproveitado eficazmente para conduzir o Homem à sua dignificação, mas apenas como ser material, que nascia, crescia e se desenvolvia até à morte e que, por isso, devia evoluir num *continuum* de aproveitamento de todos os bens materiais existentes.

O Homem seria tanto mais Homem, quanto mais soubesse transformar a Natureza e colocá-la ao seu serviço. Este princípio era formalizado através das teorias materialistas dos finais do séc. XIX.

A par destes movimentos da sociedade civil, a Igreja sentiu a necessidade de intervir, procurando conduzir o Homem à sua dignidade total, com as dimensões do espiritual e também do material.

A Encíclica *Rerum Novarum – Quadragesimo Anno* e a *Octogesima Adveniens*, está já eivada da base do II Concílio do Vaticano, expressavam uma doutrina em que o Homem, todos os Homens, são o centro das atenções da Igreja.

A inquietação do Homem como ser isolado, a sua interrogação permanente de quem sou, donde vim, para onde vou, para onde caminho, permanecerá na sua mente e a Igreja procura responder às suas perguntas, às suas solicitações. Por outro lado, junta-se a ele, participa dos seus temores, das suas angústias, das suas dúvidas, mas confere-lhe a possibilidade de se unir, de não estar só, de meditar, de ter fé, de aceder à palavra, de ser um membro efectivo, de poder fazer o seu caminho, caminhando através dos tempos, certo de que um dia alcançará a felicidade que instantaneamente demanda.

Mudanças Operadas no Seio da Igreja

No meu ponto de vista, a inserção da Educação no II Concílio do Vaticano criou uma grande abertura de espírito, em relação às comunidades, que até aí se encontravam fechadas, seguindo tradições antigas, muito escolásticas, ritualistas e, por vezes, menos compreensivas para grande parte da pessoas menos cultas e pouco desenvolvidas sócio-culturalmente.

A declaração *Gravissimum Educationis*, ao tratar do Direito Universal à Educação, leva-nos a reflectir sobre a natureza e fim da Educação Cristã, o papel de cada um de nós, a importância das Escolas, nomeadamente das Católicas.

São louvadas as autoridades e sociedades civis, que tendo em conta o pluralismo do mundo hodierno e atendendo à justa liberdade religiosa, ajudam as famílias para que a educação dos filhos possa ser administrada em todas as escolas, segundo os princípios morais e religiosos das mesmas famílias.

Confere-se grande importância às Faculdades e Universidades Católicas, com a promoção da cultura superior e da investigação científica.

E os reflexos da cultura são bem visíveis: As Universidades Católicas e Institutos, Colégios e Escolas orientadas pela Igreja adquiriram um elevado estatuto e uma imagem favorável na sociedade civil.

Por outro lado, os cristãos possuem uma cultura e conhecimento do significado dos actos religiosos a que, antes do II Concílio do Vaticano, lhes era difícil aceder.

Antes, a missa era celebrada de costas para o povo e numa língua morta, que não era conhecida pelas populações, rezava-se o terço passivamente, enquanto se assistia à missa, o celebrante estava distanciado da Assembleia, cumpria-se um ritual, talvez para apaziguamento das consciências, ou para não se ficar em pecado, porque um dos preceitos da Igreja era o de assistir à missa aos domingos, por ser dia do Senhor.

Os sacerdotes transmitiam para a generalidade das comunidades, a ideia de poder, de autoridade, de mando, participando em actos públicos, políticos e sociais, para onde eram convidados pelos poder político, mas muitas vezes distantes das populações.

Estávamos numa Igreja triste na qual, tanto as suas hierarquias, como todos os outros seus membros, usavam trajes indicadores de uma aculturação de normas rígidas, de valores e tradições estáticas, em que nada podia ser mudado. A disciplina pessoal e de conjunto era intransponível, embora, muitas vezes, menos aceite.

Não se dispensava à mulher a consideração que lhe era devida e, por isso, merecida. O seu papel na Igreja era apenas de ajuda, de apoio, de participação afastada.

Os sacerdotes que renunciavam, eram como que excomungados, afastados dos amigos, eram tidos como se fossem criminosos, embora conservassem intacta a sua fé e vontade de cumprir os preceitos religiosos.

Ex-Seminaristas havia que, com frequência, se afastavam da Igreja e na sociedade pugnavam até contra as Instituições onde se instruíram e formaram. Ainda hoje, muitos deles se escusam a colocar no seu *curriculum vitae* os anos que passaram nos Seminários.

É que, até há poucos anos, os membros da Igreja pareciam bafientos, com cheiro a cera e a mofo, sorumbáticos, usando roupas pretas e que sugeriam tristeza, luto e menos atenção às dificuldades dos Homens e aos seus problemas.

O Limbo das Crianças, o qual se destinava às crianças, que haviam falecido sem serem baptizadas, permanecia vivo, mas incompreensível na mente dos Cristãos, inspirando grande temor aos pais e às famílias.

Apenas em 2007, através do Papa Bento XVI foi emitido um documento afirmando que o Limbo infantil não passava de uma hipótese e que nunca foi dogma, como o foi o dos Patriarcas. Deus, no seu grande amor, assegurará que as crianças não baptizadas desfrutem da vida eterna, com Ele, no Céu.

Já lá vão os tempos em que para se ser Cristão cumpridor, verdadeiro, não se podia questionar minimamente o que estava estabelecido.

Hoje, já não é assim: Discutem-se ideias, encontram-se consensos, há abertura.

As cerimónias são participadas activamente e convictamente, os símbolos são conhecidos, os actos religiosos não têm assistentes, têm antes participantes, o que nos leva a uma aproximação contínua a Deus.

Cada gesto, cada veste, cada luz, cada adorno, cada cor, a água, o vinho, o pão, o caminhar para o altar, o erguer dos braços, o ajoelhar, o cantar, o comungar, têm sentido próprio e conduzem-nos candidamente a Deus.

Nosso Deus, que até há poucos anos, antes do II Concílio do Vaticano era um Deus Pai menos misericordioso, temido, castigador, implacável, castrador, em que o pecado cometido, mesmo pelos nossos ancestrais,

teria de ser pago por nós. Receávamos constantemente o fogo do Inferno. Desde crianças que visualizávamos em quadros e pinturas, muitas vezes, pendurados nos quartos, um fogo eterno, onde as almas eram queimadas incessantemente, permanecendo sempre vivas e horrorizadas para seu desespero total e sofrimento eterno.

Passou a ter presença, junto dos Homens, uma Igreja mais compreensiva, mais comunicativa, mais próxima, mais participativa e mais alegre, valorizando o homem e a mulher, tendo Deus como Pai bondoso, que sabe compreender as fraquezas humanas e perdoar.

A atitude de humildade sobrepôs-se à de soberberia.

Sinto uma grande sensibilidade e apreciação por figuras da Igreja, como João Paulo II. Foi sempre um exemplo de humildade, de virtude, próximo de todos os Homens, dos excluídos, dos jovens, e que muito concorreu para a disseminação de uma cultura religiosa diferente. Vergado pelo peso dos anos e da doença deixou atrás de si um rasto de fé, propôs uma Igreja globalizante e procurou imbuir do espírito cristão a mentalidade e os costumes dos Homens, as leis e as estruturas das comunidades, com base na Educação, tendo como intervenientes os pais, com as suas Associações, a Escola, o Estado, a Igreja.

Outro exemplo vivo de grande prestígio social, moral e religioso é o do nosso Papa Francisco. A humildade, a pobreza, naturalidade e espontaneidade fazem dele o Santo Padre querido, não só dos pobres, mas de todos, mesmo daqueles que sempre se regozijam, se puderem descortinar no Vaticano qualquer indício de riqueza, de poder, de homossexualidade, de economia ambrosiana, de menos compreensivos e nebulosos negócios económico-financeiros.

Podemos dizer que é um Papa pós-Vaticano II que expulsa da Igreja Cardeais, Bispos e Padres pedófilos e também os que possuem riquezas sumptuosas, que vivem no fausto e opulência.

Não esquece os foragidos e refugiados das guerras, dos tumultos, dos cataclismos, das tempestades, apela à paz, reza, e pede que rezem também por ele, suscitando os Cristãos para que peçam a Deus a harmonia entre os povos, entre os Homens.

Não esquece as mulheres, que a sós, educam os seus filhos, fruto de relações ocasionais ou de matrimónios que acabaram em insucesso, em sofrimento. A nossa Igreja é, assim, inclusiva.

Não esquece as crianças a quem beija num gesto de solicitude, de pai compreensivo, antevendo nelas os elos constitutivos de uma sociedade cultural e religiosa adveniente da família, com princípios e valores adequadamente estruturados.

Não esquece também os que já fizeram parte da plêiade de indivíduos consagrados, dedicados à propagação da palavra evangélica, da fé e, que mercê de vicissitudes várias e imprevisíveis, deixaram o sacerdócio, com pena e dor de o fazerem e que pretendem continuar a fazer parte de uma Igreja acolhedora, podendo também servir as comunidades a que pertencem.

Muitos outros exemplos poderiam ser descritos, e que são ilustrativos das mudanças operadas no seio da Igreja e a *Progressio Educationis* tem sido um forte pilar de uma edificação sólida que visa a inclusão de todos e que aceita outras culturas, outras religiões com laços comuns e outros pontos de vista e que é Ecuménica.